



Música e Liturgia na Contemporaneidade: (Des)afinando a liturgia na tensão entre as tradições, as tendências e as culturas brasileiras¹

*Music and Liturgy in Contemporary Times: (De)tuning the liturgy in the tension between
Brazilian traditions, trends and cultures*

Júlio César Adam²

Resumo: Este artigo pretende criar um debate e provocar um tensionamento entre Música, Liturgia e Contemporaneidade a partir de elementos constitutivos como as tradições, as tendências e as culturas brasileiras, e de maneira geral. A questão que está em jogo é como relacionar liturgia e música, entendendo a própria liturgia e a música como resultado de um processo permanente de relação entre tradição e contemporaneidade. Como “afinar” liturgia e música? Como “desafina-las” quando as harmonias não correspondem àquilo que o culto é: expressão viva, simbólica, ritual e musical do Evangelho? O artigo aborda o tema como se este fosse uma casa, sendo cada uma das perspectivas uma janela que lança luz na relação e no tensionamento. O primeiro ponto é a janela do próprio conceito de culto e da liturgia. O que se entende por liturgia e por culto? Em seguida, abre-se a janela da música do culto. O que faz determinada música ser música do culto? É o texto, a melodia, a harmonia, o ritmo, os instrumentos, a pessoa que compõe, a pessoa que executa a música ou o lugar onde é executada? A terceira janela é a janela da Reforma Protestante. Que luzes podemos receber dessa janela, de 500 anos (e já alguns anos)? Em seguida, abre-se uma quarta janela, a janela da inculturação ou decolonização litúrgica. Como a música e a liturgia se relacionam com a cultura, o contexto e a política? Ou: Existe uma diferença entre a música do culto e a “do mundo”, entre música sacra e profana, tradicional e contemporânea? Que sociedade a música cria? Por fim, abre-se (talvez só meia janela) a janela da contemporaneidade. Iluminada a casa, com a luz que vem dessas cinco janelas, podemos traçar alguns critérios e princípios para pensarmos a música e a liturgia na contemporaneidade no Brasil.

Palavras-chave: Música; Liturgia; Culto; Contemporaneidade; Culturas

Abstract: This article aims to create a debate and provoke tension between Music - Liturgy - Contemporaneity based on constitutive elements such as traditions, trends and cultures in Brazil and in general. The question at stake is how to relate liturgy and music, understanding liturgy itself and music as the result of a permanent process of relationship between tradition and contemporaneity. How do we "tune" liturgy and music? How can they be "out of tune" when the harmonies don't correspond to what worship is: a living, symbolic, ritual and musical expression of the Gospel? The article approaches the subject as if it were a house, with each perspective being a window that sheds light on the relationship and tension. The first point is the window on the very concept of worship and liturgy. What is meant by liturgy and worship? Next is the window on worship music. What makes a particular piece of music worship music? Is it the text, the melody, the harmony, the rhythm, the instruments, the person composing or performing the music or

¹ Este artigo foi recebido em 1 de junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 25 de novembro de 2024.

² Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha. Tem pesquisado na área da Teologia Prática, mais especificamente no âmbito do culto cristão, liturgia e homilética, ministério e edificação de comunidade, ensino religioso, espiritualidade e temas relacionados a mídias, cultura pop e religião vivida, comportamento e religiosidade juvenil na atualidade. Faculdades EST. E-mail: julio3@est.edu.br



the place where it is performed? The third window is the window of the Protestant Reformation. What light can we get from this 500-year-old window (and it's been a few years)? Then a fourth window opens, the window of inculturation or liturgical decolonisation. How do music and liturgy relate to culture, context and politics? Or: Is there a difference between the music of worship and that of "the world", between sacred and profane, traditional and contemporary music? What kind of society does music create? Finally, the window of contemporaneity is opened (perhaps only half a window). Having illuminated the house with the light that comes from these five windows, we can outline some criteria and principles for thinking about contemporary music and liturgy in Brazil.

Keywords: Music; Liturgy; Worship; Contemporaneity; Cultures

Introdução

Por trás do título, pode-se intuir que há uma tensão, uma pergunta à espera de resposta. O título por mim proposto, "(des)afinando a liturgia na tensão entre as tradições, as tendências e as culturas brasileiras", quer, justamente, tensionar a questão. A tensão nasce da relação entre música e liturgia e da tensão dessa relação com a contemporaneidade. Pensemos na relação entre música e liturgia. Que relação é essa? Música e liturgia não são sinônimos? Para muitas igrejas no Brasil, esse é o caso. Por que a música – e não outra arte – é importante para a liturgia? Quando colocamos música e liturgia juntas, de que música estamos falando e de que liturgia? A tensão aumenta com a localização espaço-temporal, a contemporaneidade. A contemporaneidade leva-nos a pensar nas muitas e diferentes formas de expressão musical e litúrgica que temos visto e ouvido na atualidade. Vivemos o excesso musical, por exemplo, a música de consumo (indústria cultural gospel) no culto. Há tanta música que é como se a própria vida tivesse fundo musical (como no cinema). Diante das novas tendências, a música litúrgica passou a ser música de performance, um novo produto da indústria cultural. Uma música não bem-vinda na liturgia? A contemporaneidade, portanto, aponta não só para a exuberância de expressões musicais, mas para a necessidade de se pensar critérios para a seleção da música que serve para a liturgia, pelo menos para uma determinada liturgia.

Imaginemos que este entrelaçamento Música – Liturgia – Contemporaneidade: "(des)afinando a liturgia na tensão entre as tradições, as tendências e as culturas brasileiras" seja uma casa. A proposta, neste artigo, é abrir várias janelas para iluminar o interior da "casa", o espaço da liturgia e do culto. A primeira janela é a janela do próprio culto e da liturgia. O que entendemos por culto e liturgia? Qual é a função do culto e da liturgia? A segunda janela é a janela da música do culto. O que faz determinada música ser música do culto? É o texto, a melodia, a harmonia, o



ritmo, os instrumentos, a pessoa que compõe ou a pessoa que executa a música ou o lugar onde é executada? A terceira janela é a janela da Reforma Protestante. Que luzes podemos receber dessa janela, de 500 anos (e já alguns anos)? Em seguida, abriremos uma quarta janela, a janela da inculturação ou decolonização litúrgica. Como a música e a liturgia se relacionam com a cultura? Ou: Existe uma diferença entre a música do culto e a “do mundo”, entre música sacra e profana, tradicional e contemporânea? Por fim, abriremos (talvez só meia janela) a janela da contemporaneidade. Iluminada a casa, com a luz que vem dessas cinco janelas, podemos traçar alguns critérios e princípios para pensarmos a música e a liturgia na contemporaneidade.

A questão que está em jogo é como relacionar liturgia e música, entendendo a própria liturgia e a música como resultado de um processo permanente de relação entre tradição e contemporaneidade. Certo é que há uma tensão! Tensão que desafina a liturgia e a música. Como afinar liturgia e música? Como desafiná-las quando as harmonias não correspondem àquilo que o culto é: expressão viva, simbólica, ritual e musical do Evangelho?

Culto e Liturgia: Definindo o culto cristão numa perspectiva teológica e antropológica³

O culto cristão é o encontro entre comunidade e Deus, mediado pela tradição bíblica e eclesial. Como encontro de dois parceiros, ele se constitui simultaneamente de edificação humana e divina.⁴ Celebramos o culto porque Deus quer estar presente onde dois ou três estão reunidos em seu nome (Mt 18.20) e porque ele nos conchama a nos reunirmos como comunidade (1Co 11.24-25). Como exemplo para esse encontro, temos o partir do pão – o primeiro ato litúrgico cristão (1Co 11.23-27 e At 2.42-47) – e a esperança escatológica do reino de Deus (Ap 21.1-7). Sobre essa base, cada culto é uma ponte entre o passado (memória) e o futuro (escatologia) no presente (epifania). Pode-se dizer que a comunidade cristã se encontra no caminho entre o "não mais" do limite humano e o "ainda não" da ilimitada eternidade. Nós vivemos no tempo da saudade

³ Grande parte das considerações sobre a função socioantropológica e política do culto cristão tomo dos meus estudos sobre a função social do culto cristão: ADAM, Júlio C. *Liturgia com os pés: estudos sobre a função social do culto cristão*: São Leopoldo: EST/Sinodal, 2012.

⁴ KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER HARPPRECHT, Christoph (Ed.). *Teologia Prática: no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 119



(R. Alves), cuja melhor expressão é o nosso culto.⁵ Entre a memória e a escatologia, o culto cristão tem muito a contribuir e influenciar, não só internamente, na comunidade, mas também na esfera pública, onde ele sempre se dá. Ele é expressão viva, simbólica, ritual e musical do Evangelho. A liturgia é o conjunto de elementos e formas através dos quais o culto se realiza.

O autêntico culto cristão interrompe o dia a dia, sem perder o vínculo com a vida. Ele se encontra sob a palavra-chave "comunicação do Evangelho", no sentido de se situar no contexto maior daquilo que forma a comunidade cristã. “Existe toda uma série de diversas expressões vivas na comunidade, que servem à comunicação do Evangelho: o culto dominical, o culto para realização de ofícios, com seu trabalho de preparação e acompanhamento posterior, o trabalho com crianças e jovens, o catecumenato da comunidade, a poimênica etc.”⁶ Segundo J. White, o fenômeno do culto cristão engloba pelo menos sete estruturas e ofícios: 1) a estruturação do tempo diário, semanal e anual (tempo litúrgico); 2) a organização do espaço sagrado; 3) as orações públicas diárias; 4) a liturgia da palavra; 5) a iniciação cristã (o batismo e a crisma/confirmação); 6) a Eucaristia; e 7) as jornadas e passagens, ofícios de perdão e reconciliação, acompanhamento a enfermos, bênção matrimonial, ordenação e funerais.⁷ Todas compõem o que entendemos por culto cristão e todas estão embebidas de música.

J. J. von Allmen compara o culto ao coração da comunidade, do qual ela extrai novas forças para a vida da semana vindoura e para o qual retorna no domingo, cansada e exausta do mundo. Assim como o corpo não consegue viver sem o coração, um coração sem corpo não precisa bater.⁸ Dessa maneira, culto é agir representado⁹, ou seja, um lugar de síntese festiva e despropositada do cotidiano. Ao contrário do agir cotidiano efetivo, o culto existe como momento especial, sem romper com seu cotidiano, sendo este último, antes, a base para sua construção representada.

⁵ ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo: Meditações*. 3. ed. São Paulo: Paulinas; Santo Amaro: CEDI, 1992. p. 23-26.

⁶ LANGE, Ernst. Aus der “Bilanz 65.” In: LANGE, Ernst (Hrsg.). *Kirche für die Welt: Aufsätze zur Theorie kirchlichen Handels*. München/Gelnhausen: Kaiser/Burckhardthaus, 1981. p. 102.

⁷ WHITE, James. *Introdução do Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1997. p. 12-14.

⁸ ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: Teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 1969. p. 60.

⁹ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Die Praktische Theologie nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche*. Berlin: O. Reimer, 1850 (1983). p. 70.



Como agir representado, o culto revivifica e edifica a consciência religiosa¹⁰ e a vida cristã de uma maneira geral.¹¹

Isso faz do culto a epifania da igreja.¹² No e através do culto, a própria comunidade é criada e recriada. Pelo culto, a comunidade e a igreja mostram ao mundo o que são e o que as move. “Igreja e comunidade se apresentam de tal forma no culto, que ouvem o Cristo vivo em seu meio e celebram a sua presença.”¹³ Segundo esta perspectiva, todo culto sempre impacta seu contexto, mesmo quando as pessoas não participam ativamente de seu rito.

O culto cristão é evento público,¹⁴ encontra-se fundamentalmente em relação com o seu entorno. O culto não acontece no vácuo, mas pertence a um lugar fixo e ao tempo atual. Como acontecimento humano, ele é sempre contextual e cultural¹⁵; como evento divino, é universal e celestial. Como evento que tem por base o Evangelho encarnado em Jesus Cristo, ele transcende todos os lugares, tempos e culturas. Como evento evangélico, ele é sempre contracultural.¹⁶

O que desejo é, portanto, que a liturgia seja carregada por duas vozes: uma vez pela voz da tradição, da Escritura, e na outra, pela voz que se levanta para perguntar e questionar. Para a pregação da mensagem me parece ser essencial esse confronto de passado e presente, esse ir atrás desse rastro que conduz de Israel até os nossos dias

¹⁰ Culto é para F. Schleiermacher “circulação do interesse religioso: o real objetivo da comunidade religiosa é, portanto, a circulação do interesse religioso, e o clero, dentro disso, não passa de um órgão na vida conjunta.” SCHLEIERMACHER, 1850, p. 65.

¹¹ RÖSSLER, Dietrich. Unterbrechungen des Lebens: Zur Theorie des Festes bei Schleiermacher. In: CORNEHL, Peter; DUTZMANN, Martin; STRAUCH, Andreas (Hrsg.). *In der Schar derer die da feiern: Feste als Gegenstand praktisch-theologischer Reflexion*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1993. p. 33-40.

¹² VON ALLMEN, 1969, p. 47ss; também E. Lange: “Não foi a igreja que fez surgir o culto, mas foi este o responsável pelo surgimento da igreja como instituição. E isso não foi casualidade. Vale também para hoje: a liturgia é uma expressão de vida essencial da igreja.” LANGE, Ernst. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. Aufl. München: Kaiser, 1987. p. 84.

¹³ STALMANN, Joachim. Wie politisch ist der Gottesdienst? Überlegungen zur Öffentlichkeitsrelevanz der Liturgie. *Pastoraltheologie*, n. 80, p. 525, 1991.

¹⁴ CORNEHL, Peter. Öffentlicher Gottesdienst zum Strukturwandel der Liturgie. In: CORNEHL, Peter; BAHR, Hans-Eckehard (Hrsg.). *Gottesdienst und Öffentlichkeit: zur Theorie und Didaktik neuer Kommunikation*. Hamburg: Furche Verlag, 1970. p. 118-196.

¹⁵ Sobre a relação entre culto e cultura, veja os estudos da FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Diálogo entre culto y cultura*. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994; FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Christlicher Gottesdienst: Einheit in kultureller Vielfalt*. Genf/Hannover: LWB/VELKD, 1996 e FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Baptism, Rites of Passage, and Culture*. Geneva: LWB, 1998.

¹⁶ BIERITZ, Karl-Heinrich. Anthropologische Grundlegung. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; BIERITZ, Karl-Heinrich (Hrsg.). *Handbuch der Liturgik: Liturgiewissenschaft in Theologie und Praxis der Kirche*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt; Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1995. p. 103s.

e até nossa própria busca, até nós que agora nos tornamos inseguros em relação a ele, querendo encontrar nosso próprio caminho. (H. Oosterhuis)¹⁷

A função teológica principal e central do culto evangélico é zelar pelo crescimento, pelo despertar e cuidar da fé em Jesus Cristo. “Culto cristão não tem, em primeiro ou último lugar, nenhuma pretensão específica, mas quer ser ‘agir representador’, quer dar expressão à alegria do ser humano pela libertação de Deus, expressão total, se possível.”¹⁸ Culto é jogo lúdico.¹⁹ Seria, porém, um grande erro se imaginássemos que esses efeitos primários fossem imediatos, pois “‘salvação’, ‘graça’, crescimento na fé, esperança e amor como ‘efeitos’ primários do culto não são perceptíveis diretamente e como tais, mas só como mediados em seus efeitos sobre a vida individual e social.”²⁰

Toda forma de objetivação para os próprios propósitos, por mais nobres que sejam, viola a essência do culto. O culto só é possível pela sua dimensão social e humana, mas essa não é algo acrescentado de fora. Ela se encontra sempre presente na essência da própria liturgia. Todo agir social deve brotar, primeiramente, do centro da liturgia.²¹ E, se quisermos celebrar um agir social, então é do centro da liturgia que deve emergir toda correção e afirmação. Toda celebração cultural significa abrir-se e deixar-se surpreender por algo maior que qualquer ação humana, independentemente de quão boa ou correta essa ação possa ser.

O encontro com Deus, a abertura para o incondicional, para a realidade última, que tudo determina, é o propósito único do culto. No encontro com o Sagrado as pessoas recebem de Deus vida, salvação e graça. No movimento das pessoas em direção de Deus, que responde ao movimento de Deus em direção dos seres humanos, cumpre-se o propósito da existência humana. Para tanto, forma-se da comunidade de fé a comunidade de culto, que se reúne para esse propósito em determinados tempos e lugares.²²

¹⁷ MEYER, Hans Bernhard. *Politik im Gottesdienst: Kritische Erwägungen zur Politisierung des Gottesdienstes*. Innsbruck/Wien/München: Tyrolia Verlag, 1971. p. 34.

¹⁸ HEIMBROCK, H.-G. *Gottesdienst: Spielraum des Lebens. Sozial – und Kulturwissenschaftliche Analysen zum Ritual in praktisch-theologischem Interesse*. Kampen/ Weinheim: Kok/ Deutscher Studien Verlag, 1993. p. 9.

¹⁹ “Ensaíar liturgia significa ser carregado pela graça, ser conduzido pela igreja, com nenhuma outra finalidade que não, exatamente, ser de Deus e viver dele; significa, cumprir a Palavra do Senhor e ‘tornar-se como crianças’; desistir por uma vez de ser adulto, de ser alguém que sempre só quer agir com propósitos, e decidir brincar, como o fez Davi quando dançou diante da arca da aliança.” GUARDINI, Romano. *Vom Geist der Liturgie*. 17. Aufl. Freiburg: Herder, 1951. p. 59.

²⁰ MEYER, Hans Bernhard. Zur Frage der Gesellschaftlichen Bedeutung der Liturgie. *Concilium*, n. 10, p. 97s., 1974.

²¹ KRANEMANN, Benedikt. Feier des Glaubens und soziales Handeln: Überlegungen zu einer vernachlässigten Dimension christlicher Liturgie. *Liturgisches Jahrbuch*, n. 48, p. 206, 210, 1998.

²² CORNEHL, P. [manuscrito não publicado], p. 52.



Outros aspectos da função do culto, em dimensão antropológica, têm a ver com o ritual. Como evento socioantropológico, isto é, como ação e fala simbólicas, o culto é sempre um ato ambivalente. Ao lado da conservação da fé cristã, o culto provoca reações – positivas e negativas – nas pessoas, na comunidade e no mundo. O culto tem “efeitos colaterais”²³, e isso é inevitável.

Segundo E. Lange, a função do culto tem a ver com identidade, distância, festa e celebração. O que move o culto é 1) **Identidade**: “Onde as pessoas procuram pela sua religião, ali elas procuram por identidade. Pois nós, pessoas, não nos fomos dadas, mas encarregadas de algo. [...] Religião organizada é, desde sempre, um instrumento cuja ajuda permite às pessoas formarem uma imagem de si próprias, certificar-se dela e entender-se em relação a ela. [...] A religião reivindica e experimenta identificar o ser humano de fora de si mesmo como o criado, como o que por Deus foi chamado e nomeado. Pois em Jesus encontramos [...] o ser humano assim como ele deve ser, com uma grande força convincente. [...] Deus é a origem dessa humanidade.”²⁴ Uma segunda função do culto é a 2) **Distância**: “Onde as pessoas procuram por sua religião, ali elas também procuram por distância. [...] Pessoas procuram por religião, porque precisam de distância, distância em relação a sua identidade desfigurada e libertação dela, ao menos por certo tempo, no interesse de novos começos. [...] Pois o anárquico em nós, o bem e o mal que reprimimos, é tão forte que necessita de válvulas para não acabar com toda a ordem. [...] (espaço para) a festa e a brincadeira. [...] O mundo da religião não é nenhum mundo obscuro ou supramundo, pelo menos não necessariamente, mas ele é contramundo, ao menos em parte. E, portanto, ele permite distância, crítica e autocrítica, superação do cotidiano, pelo menos no jogo litúrgico, no ato simbólico. Ele (sc. Jesus) nos identifica como irmãos do reino de Deus, que realmente é alternativo em relação ao mundo, no qual estamos presos e com deficiências, um contramundo, infinitamente mais sério que o mundo lúdico da religião organizada, só ligado a ele por morte e ressurreição e, não obstante, presente em Jesus, real e eficaz, antecipado no Espírito e na verdade da humanidade contagiante de Jesus. Esse contramundo não é somente espaço de liberdade, mas campo de força.”²⁵ Uma outra função do culto é a 3) **Celebração**: “Pessoas procuram por religião porque buscam possibilidades de celebrar a existência. E isso é vital. [...] Necessitamos da celebração para dissolver

²³ RÖSSLER, Dietrich. *Die Vernunft der Religion*. München: Piper Verlag, 1976.

²⁴ LANGE, Ernst. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. Aufl. München: Kaiser, 1987. p. 85s.

²⁵ LANGE, 1987, p. 86s.



essa contradição, pelo menos para tentar dissolvê-la. [...] O próprio Jesus em pessoa é aquilo que tentamos com muito esforço em nossas celebrações. Ele é o acontecimento em que nossa humanidade fica inequívoca, em que seu verdadeiro significado vem à tona. O acontecimento Jesus é a festa do ser humano, e a liturgia, em seu sentido mais profundo, é a repetição memorial, é a reapresentação dessa festa.”²⁶ Por fim, o culto gira em torno da 4) **Festa**: “Pessoas procuram por sua religião, porque se encontram em busca de possibilidades de jogo lúdico. Elas necessitam do jogo lúdico para a vida. Jogando, e só jogando, chegaremos às pegadas das possibilidades inesgotáveis de nossa existência. Jogando, descobrimos alternativas para o comportamento de costume, transcendemos os limites de nossos papéis cotidianos e experimentamos outros, testamos soluções de problemas, contrárias às de praxe. O jogo lúdico é o campo de provas da nossa liberdade. Brincando, uma criança descobre e conquista seu corpo e seu mundo. No jogo do amor sexual é testada a situação em que o amor ocorre de fato. Mesmo a condição de nossa atual sobrevivência, o planejamento para o amanhã é jogo, é o ensaio de soluções alternativas para o problema. [...] Liturgia como jogo lúdico [...] Para a criança que se levanta e ensaia os primeiros passos, como se pudesse andar, sua brincadeira, longe de carecer de seriedade, é algo profundamente sério e, além disso, também muito doloroso, já que cai sem parar. Mas não aprenderá a andar senão brincando dessa maneira. Todos nossos passos de aprendizado contêm esse elemento da antecipação, do jogo, do teste, do experimento. [...] nós jogamos junto e descobrimos, assim, que a vida também funciona de outro jeito. Por esse prisma, a Santa Ceia, a Eucaristia, é o maior jogo já descoberto. É o rito em que pessoas brincam de reino de Deus, antecipando aquilo que da consumação ainda se encontra radicalmente ausente, antecipando sua consumação e a consumação do mundo, e se comportando e fazendo por causa de Jesus como se não existissem todas as separações e deficiências que destroem nossa vida conjunta: nem judeu nem grego, nem escravo nem senhor, nem homem nem mulher.”²⁷

²⁶ LANGE, 1987, p. 87ss.

²⁷ LANGE, 1987, p. 89s.



Música litúrgica ou música do culto: um pouco de história e alguns critérios

Pertence a música à liturgia ou a liturgia à música? Qual é o papel da música no culto ou qual é o papel do culto na música?²⁸ Estas perguntas apontam para um imbricamento entre música e liturgia. Como dirá o SC, a música é “parte integrante da liturgia” (SC 112). A música deve estar plenamente incorporada à ação ritual, revelando e introduzindo os fiéis no âmago do mistério celebrado.²⁹

De modo geral, na Bíblia, a música está diretamente relacionada ao culto, mesmo havendo certa discussão a respeito. Ao longo da história da Igreja, há, sim, uma clara tendência de que a música sacra tenha estado, de uma ou de outra maneira, relacionada ao culto (Fellerer e Söhngen), mesmo que variações desse imbricamento sejam percebidas. O *Oratório de Natal* de Bach, por exemplo, foi escrito inicialmente para o culto, mas, posteriormente, abandonou este âmbito apenas.³⁰

A definição daquilo que entendemos por música do culto é variada: música religiosa, música sacra, música de igreja ou música eclesial, música litúrgica, hino sacro, música do culto. Todas as expressões definem algo disso que entendemos como música e que está, direta ou indiretamente, imbricada na liturgia, no culto.

Tomo aqui, portanto, a expressão "música do culto" para definir todas as formas de música que farão parte da própria liturgia do culto: os sinos, o introito ou prelúdio, passando pelos cantos litúrgicos (*Gloria Patri*, Confissão de Pecados, *Kyrie eleison*, *Gloria in Excelsis*), os Salmos e suas antífonas, o Aleluia, o Credo, súplicas e preces, o ofertório, o *Sanctus*, o *Agnus Dei*, o Pai Nosso, as doxologias, os cantos de bênção e poslúdio, sem falar nos hinos com todas as classificações (tempo litúrgico, hinos com propósitos de evangelização, louvor, etc., hinos para ofícios, para grupos específicos, etc.), canto coral e música instrumental: órgão, piano, metais, orquestras, bandas, percussões, etc.

²⁸ EWALD, Werner. Música como Liturgia: uma abertura. *Teor. Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 41/42, p. 2, maio de 2014.

²⁹ AGNELO, Geraldo Majella; FRANCISCO, Manoel João. *Canto e música na liturgia*: princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 262, 2006, p. 409.

³⁰ ALBRECHT, 2013, p. 329.



Independente da nomenclatura, realmente a liturgia está na música e a música na liturgia. Não é possível separar uma da outra. Inclusive, as formas antigas de liturgia, como a reforma da missa, a *Formula Missae* e a moldagem litúrgica da *Deutsche Messe*, feitas por Lutero, eram liturgias musicadas. Inclusive os textos bíblicos eram recitados, não lidos.

Já com os gregos Pitágoras, Platão e Aristóteles, há uma reflexão sobre a função da música e uma diferenciação dos efeitos de determinados ritmos, tonalidades e instrumentos, no sentido de permitir ou proibir os usos. No Antigo Testamento, há também uma clara diferenciação entre música sacra e música profana, mesmo que não seja possível comprovar uma separação estilística entre ambas.³¹ Há aqui compreensões mágicas da música, como as trombetas de Jericó (Js 6) e a harpa de Davi, que acalmava Saul (1Sm 16).

Como era a música no culto, pouco se sabe. Da mesma forma, Albrecht afirma que não é possível descobrir como se configurava a música na igreja primitiva.³² “Os termos salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5.19; Cl 3. 16) poderiam designar diversos gêneros musicais, mas hoje não é mais possível defini-los.”³³ Ao que tudo indica, havia música vocal e instrumental, como aconselha Paulo (Ef 5.19). Sabe-se também que, durante todo o primeiro milênio, predominou o uníssono.

É importante considerar que a música é resultado do contato com a Palavra de Deus. A música sacra é consequência da fé e uma possibilidade missionária.³⁴

Na trajetória da Igreja Antiga, sabe-se que houve rejeição à música instrumental, por estarem os instrumentos relacionados ao uso profano, no circo e no teatro.³⁵ Em Roma, por exemplo, os mártires cristãos foram executados ao som de órgão. No século IV, os salmos eram cantados responsivamente – cantor e comunidade. No mesmo período, surgirão os hinos com seu esquema fixo de estrofes e, no século VIII, os cânticos para a missa e as orações das horas. A música polifônica remonta ao século XI. Uma musicalização completa da missa surgirá apenas no século XIV. No caso de Guillaume Dufay (+1474), ele introduziu a musicalização da missa sobre um

³¹ ALBRECHT, 2003, p. 331s.

³² ALBRECHT, 2003, p. 332.

³³ ALBRECHT, 2003, p. 333.

³⁴ ALBRECHT, 2003, p. 333.

³⁵ ALBRECHT, 2003, p. 333.



cantus firmus profano. Já o Concílio de Trento banuiu, até o século XX, qualquer resquício profano na música do culto.³⁶

Frederico irá dar grande destaque aos irmãos Wesley, pela diversidade da hinódia por eles produzida e pela correspondência com o contexto de diversidade musical e avivamento. “A grande edição de 1780 (de *Hymns and Spiritual Songs*, com 525 hinos) viria preencher a necessidade de uma publicação inclusiva, com assuntos variados ao alcance de todas as pessoas, a um preço acessível.”³⁷ Sobre esse estilo, que se perpetua no séc. XIX, a autora irá dizer: “o estilo da música usado nas campanhas de reavivamento [...] foi o mesmo das baladas românticas ouvidas foram do ambiente eclesiástico. Esse estilo musical, associado a textos de caráter petista e individualista, produziu um canto ‘funcional’, que atendeu eficazmente aos objetivos emocionalistas e conversionistas daquelas campanhas”.³⁸

Demos um salto para os critérios de uso da música no culto pós-Vaticano II. Agnelo e Francisco propõem critérios para a música no culto, a partir de encontros sucessivos promovidos pelo Setor de Música Litúrgica da CNBB.³⁹ Segundo este trabalho, “constata-se uma enxurrada de coisas produzidas sem melhores critérios e divulgadas sem maiores cuidados, com força devastadora, invade as mentes e os corações dos fiéis menos avisados, solapando os fundamentos sólidos da fé e da piedade.”⁴⁰ Os critérios litúrgicos musicais estão organizados em quatro pontos de vista: teológico, litúrgico, pastoral e estético.

Do ponto de vista teológico:

A Música Litúrgica brota da vida da comunidade de fé;

Reflete necessariamente o Mistério da Encarnação do Verbo e, por isso mesmo, assume as características culturais da música de cada povo, nação ou região;

A Música Litúrgica se enraíza na longa tradição bíblico-litúrgica judaica e cristã. Desta tradição recebe a seiva que lhe garante a identidade, bem como o incentivo para beber na rica fonte dos salmos e demais cânticos bíblicos do Antigo e Novo Testamento;

³⁶ ALBRECHT, 2003, p. 334s.

³⁷ FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos para o Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 312.

³⁸ FREDERICO, 2001, p. 312.

³⁹ AGNELO; FRANCISCO, 2006.

⁴⁰ AGNELO; FRANCISCO, 2006, p. 410.

Inserir-se na dinâmica do memorial, própria e original da tradição judaico-cristã: o canto são palavras, melodias, ritmos, harmonias, gestos, dança... a serviço da recordação dos fatos salvíficos, um passado significativo que aflora nos acontecimentos, no hoje, no aqui-e-agora da comunidade cristã;

A Música Litúrgica tem o papel pedagógico de levar a comunidade celebrante a penetrar sempre mais profundamente o Mistério de Cristo;

6. Brota da ação do Espírito Santo, que suscita na assembleia celebrante o fervor e a alegria pascaís, provocando em quem canta uma atitude de esperança (escatológica) e amor diante da realidade em que vive;

7. Expressa a natureza e sacramentalidade da Igreja, Povo de Deus, Corpo de Cristo, na diversidade de seus membros e ministérios, na diversidade de dons.

Do ponto de vista litúrgico:

8. A Música Litúrgica, em todos os seus elementos — palavra, melodia, ritmo, harmonia... — participa da natureza simbólica e sacramental da Liturgia cristã, celebração do Mistério de Cristo;

9. Traz consigo o selo da participação comunitária;

10. Manifesta o caráter ministerial de toda a Igreja, Corpo de Cristo, ao mesmo tempo uno e diverso, com membros e funções diferentes, mas organicamente convergentes;

11. É música ritual e, como tal, tem um caráter exigentemente funcional, precisando adequar-se à especificidade de cada momento ou elemento ritual de cada tipo de celebração;

12. Está a serviço da Palavra. Sua grande finalidade é, portanto, realçar a Palavra, emprestando-lhe sua força de expressão e motivação.

Do ponto de vista pastoral:

14. A Música Litúrgica, por um lado, encarna as finezas e os cuidados do Bom Pastor para com seu rebanho, o que leva a adequar-se à diversidade dos ambientes sociais e culturais, às vivências e contingências do cotidiano, às possibilidades e limitações de cada assembleia, e a cuidar da formação litúrgico-musical da assembleia;

15. Reflete aquela solidariedade que caracteriza os discípulos de Cristo na sua relação com toda a humanidade;

16. A Música Litúrgica é fruto da inspiração de quem vive inserido(a) no meio do povo e no seio da comunidade eclesial, em profunda sintonia com o Mistério de Cristo no dia a dia da vida.

Por fim, do ponto de vista estético:

17. A Música Litúrgica, ao mesmo tempo, brota da cultura musical do povo de onde provêm os participantes da assembleia celebrante;
18. Privilegia a linguagem poética;
19. Prioriza o texto, a letra, colocando tudo o mais a serviço da plena expressão da palavra, de acordo com os momentos e elementos de cada rito;
20. É chamada a realizar perfeita simbiose (combinação vital) entre a palavra (texto, letra) e a música que a interpreta;
21. A Música Litúrgica prescinde de tensões harmônicas exageradas;
22. Ao ser executada, embora se destine a ser expressão autêntica de tal ou qual assembleia, prima por manter-se fiel à concepção original do(a) autor(a), conforme esta é expressa na partitura.⁴¹

Frederico desenvolveu uma ampla pesquisa em busca de critérios para a seleção de cantos para o culto, levando em conta a tensão entre a música tradicional e contemporânea ao longo da história da Igreja.⁴² Sua pesquisa incluiu uma consistente investigação social em comunidades cristãs de Porto Alegre. Segundo ele, os critérios são: (1) A seleção de cantos deve orientar-se pelo povo; (2) A comunidade deve possuir uma teologia do culto; (3) A comunidade deve respeitar suas raízes históricas, buscando sua identidade; (4) A seleção de cantos deve visar o ensino e a solidificação das doutrinas; (5) A seleção de cantos deve adequar-se à liturgia; (6) A seleção deve priorizar cantos que falem à alma; (7) A seleção deve visar a estética do culto.

Dentro do primeiro critério, Ivo, um dos entrevistados, irá dizer:

Hinos bons é que devem ser cantados, independentemente se são antigos ou novos. Hinos bons são os que têm conteúdo teologicamente correto, de fácil compreensão e com palavras conhecidas e que a linha melódica e a estrutura harmônica natural do hino sejam agradáveis, adequadas ao gosto musical das pessoas. Exemplo de hino bom de cantar que até as pessoas que não o ouviram conseguem é o 260: Cantai ao Senhor um cântico novo”. Ouvem a primeira estrofe e saem cantando as seguintes. É mais popular. Esse veio da Igreja Católica e não do folclore brasileiro, como diz no hinário. Outro hino que gostam muito é o “Segura na mão de Deus”, que é um pouco mais “água com açúcar”. Não é negro spiritual. Não é a época de quando foram feitos que diz se ele é bom ou não é bom. O pessoal tem que poder cantar. Quando o hino é difícil de ser cantado, então ele não é bom.⁴³

⁴¹ AGNELO/FRANCISCO, 2006, p. 411-15.

⁴² FREDERICO, 2001.

⁴³ FREDERICO, 2001, p. 315.



Música e a Reforma Protestante: notas novas e medos antigos

É conhecida a posição divergente dos reformadores em relação à música do culto. Para Lutero, a *Frau Música* é uma criatura divina – seja ela música sacra ou profana. Para ele, porém, a música só alcança a verdadeira realização de seu sentido quando relacionada com Cristo, e o cantar é uma consequência natural da fé. A música no culto é um estímulo para que outras pessoas se ocupem com a fé.⁴⁴

A música é uma esplêndida dádiva de Deus e eu gostaria de exaltá-la com todo o meu coração e recomendá-la a todos. Mas eu estou tão dominado pela diversidade e magnitude de suas virtudes e benefícios que (...), por mais que eu queira exaltá-la, minha exaltação será insuficiente e inadequada (...). Se queres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humilde os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio (...) que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar?⁴⁵

Lutero foi bastante conservador na manutenção da missa católica. Manteve, por exemplo, toda a missa e seus cantos em latim na *Formula Missae*, de 1523. O latim deveria ser preservado para enriquecer o conhecimento dos jovens e possibilitar o canto da missa em qualquer país por onde fosse. Para a Missa Alemã, de 1526, resultado de apelos de pastores e até mesmo de nobres, Lutero se sentia limitado para compô-la por não ter conhecimento suficiente de música. Para ele, “a música tem que centrar todas as suas notas e seus cantos no texto. A música evangélica tinha que estar a serviço do texto, tinha que ‘carregar’ o texto.”⁴⁶ Além disso, as palavras de Cristo deveriam ter destaque na composição.

Para Lutero, a música será uma forma não só de louvor, mas também de proclamação da Palavra de Deus. “A palavra de Deus está sendo oferecida de modo tão lúcido e claro em pregação, canto, fala e pintura, que eles [reis, príncipes e senhores] têm que admitir que é a verdadeira palavra de Deus”.⁴⁷ Ele entende, assim como era entendido na Idade Média, que a música é a própria liturgia. “Deixe que as entonações das missas do domingo e das vespertinas sejam conservadas; elas são muito boas e procedem das Escrituras.”⁴⁸

⁴⁴ ALBRECHT, 2003, p. 336s.

⁴⁵ Prefácio à obra *Symphoniae incundae*. LUTERO apud SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 8.

⁴⁶ DREHER, M. Missa Alemã e Ordem do Culto 1526: Introdução. In: LUTERO, M. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. p. 173-177. v.7, p. 174.

⁴⁷ LUTERO apud SCHALK, 2006, p. 48.

⁴⁸ LUTERO apud SCHALK, 2006, p. 52.



Para ele, porém, não apenas o clero e o coro deveriam cantar a liturgia, mas, sim, todo o povo, como um verdadeiro exercício do sacerdócio geral de toda pessoa batizada.⁴⁹ O culto assume, para Lutero, o espaço privilegiado de experimentar a viva Palavra de Deus e, em reação a ela, louvar a Deus pela sua imensa graça, sendo a música a principal forma desse louvor. “Deus não exige grandes sacrifícios ou tesouros preciosos e cara pelas suas bênçãos. Não ele pede pela mais fácil, isto é, canto e louvor”.⁵⁰ Ou, como dirá em outro comentário, falando do sacrifício de louvor: “O culto do Novo Testamento (...) nada mais é do que canto, louvor e agradecimento. Este é um canto singular. Deus não quer nossos sacrifícios e obras. Ele está satisfeito com o sacrifício do louvor.”⁵¹ Lutero utiliza melodias populares com base para as novas composições.

Calvino, por sua vez, tem a música em alta consideração, como dádiva de Deus. No culto, porém, Calvino teme que a música possa servir apenas ao prazer dos sentidos e ao mero divertimento (retomando aqui uma advertência de Agostinho). Por isso, ele fará uma distinção clara e deliberada entre música sacra e profana, definindo a música para o canto comunitário com base nos salmos, rejeitando a música artística e instrumental no culto. No seu comentário sobre um cântico novo, Sl 96 e 98, o reformador genebrino dirá: “Um cântico novo quer dizer um cântico grandioso, belíssimo, selecionado, não um canto comum ou batido, não, mas sim um canto que arrebate as pessoas despertando sua admiração, uma composição que cante a graça inaudita de Deus, nunca dantes experimentada,”⁵² dando, assim, espaço para uma música rebuscada e elaborada. Zwinglio, por sua vez, baniu totalmente a música do culto comunitário.

A Reforma, portanto, com suas variadas interpretações do culto e da música, deixou critérios muito claros para a prática litúrgico-musical. A música está a serviço do culto, em primeiro lugar, e este está a serviço da proclamação da Palavra de Deus, Palavra que cria e mantém a fé da comunidade. O culto e a música pertencem à comunidade que celebra, lamenta e louva, estando essa música muito mais em continuidade com a rica e diversa tradição da Igreja. A música e a liturgia não são propriedade dos ministros/as, tampouco dos/as musicistas, ministros de louvor, dirigentes de coral ou do organista. As reformas propostas, principalmente no caso de Lutero, não devem ser encaradas como uma lei, mas tão somente como uma orientação à comunidade, que

⁴⁹ SCHALK, 2006, p. 39ss.

⁵⁰ LUTERO *apud* SCHALK, 2006, p. 49.

⁵¹ LUTERO *apud* SCHALK, 2006, p. 49.

⁵² SÖHNGEN *apud* ALBRECHT, 2003, p. 338.



deve ser capaz de decidir sobre sua liturgia. A música deve ser feita com qualidade e beleza, refletindo a integridade, autenticidade e beleza do Evangelho. Ela mesma é tanto proclamação quanto ministério.⁵³ A música deve ser bem feita, zelosa com o Evangelho, o que não significa torná-la uma questão de virtuosismo, impossibilitando a comunidade de louvar no culto. Como dirá Albrecht, não se deve canonizar Schütz, Bach e os compositores do seu entorno para a música sacra evangélica.⁵⁴

Inculturação e decolonização litúrgico-musical: uma possibilidade para o sul do mundo

O culto cristão, sua liturgia e música, é resultado de um amplo, dinâmico e permanente processo de inculturação, por uma razão muito simples: a encarnação de Jesus Cristo na cultura e na vida do povo. Cada culto é e deve ser um processo de encarnação da Palavra Viva, Cristo, dentro da história e da geografia da comunidade celebrante. Entende-se que nem o cristianismo e sua tradição, nem a cultura são “categorias quimicamente puras”.

Inculturação significa “confrontação dos conteúdos da fé cristã como sistemas de valores, expressões e sinais de uma cultura formada historicamente e sua cosmovisão, geralmente num espaço determinado, geograficamente definível.”⁵⁵ Já a contextualização quer dizer “confrontação com uma determinada situação da sociedade, ou seja, uma situação social, econômica, política e seus desafios éticos para os cristãos”.⁵⁶ Com isso, podemos dizer que todo culto sempre expressará uma posição em relação à cultura na qual está inserido.

Os estudos sobre Culto e Cultura da Federação Luterana Mundial apontam que todo o processo de inculturação, ou seja, de relação entre o culto e a cultura, se dá através de quatro marcos: O culto é transcultural, contextual, contracultural e intercultural. O culto é um evento transcultural porque está relacionado ao Cristo Ressuscitado, o qual transcende os limites culturais. Ao mesmo tempo, o culto é sempre um evento contextual, uma vez que dialoga com o contexto, com o local, reverberando elementos culturais e regionais na liturgia que se realiza. Nem tudo,

⁵³ SCHALK, 2006, p. 68.

⁵⁴ ALBRECHT, 2013, p. 353.

⁵⁵ LANGER, Jens. Culto e Cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol.3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014. p. 224

⁵⁶ LANGER, 2014, p. 224.



porém, pode ser inculturado. Por isso, o culto é também contracultural, no sentido de que, a partir do Evangelho, critica a cultura e lhe diz “não” quando se faz necessário. O culto é ainda intercultural, na medida em que elementos e formas litúrgicas são compartilhadas na diversidade de tradições e confissões cristãs.⁵⁷ Neste último marco, a música talvez tenha sido um dos elementos mais intercambiados. Mas esse não é o único aspecto que diz respeito à música.

Anscar Chupungco desenvolveu um método de inculturação, a partir do qual se pode relacionar a cultura com a música e a liturgia. O método pode ser trabalhado a partir de dois princípios: a equivalência dinâmica, através da qual, a partir da liturgia, seus elementos e formas, se busca equivalentes na cultura (valores, costumes e instituições); e a assimilação criativa, que, por sua vez, parte da cultura e assimila à liturgia elementos, formas e práticas da cultura.⁵⁸

Vemos, pois, que nessa discussão sobre música e liturgia no nosso contexto, a inculturação é um processo fundamental. Podemos perguntar em que medida a música tem, de fato, se contextualizado aos ritmos, estilos e instrumentos locais, principalmente em contextos periféricos (fora dos centros da Europa e América do Norte). Em que medida a música do culto tem usado o critério contracultural, ou seja, se contrapondo aos estilos e repertórios que se sobrepõem às culturas e tradições locais, estilos que furtam à comunidade a possibilidade de louvar e clamar, tornando-se monopólio de musicistas e grupos, ou ainda produções musicais muito mais voltadas ao consumo e ao lucro de alguns, em detrimento da proclamação pura e correta do Evangelho de Jesus Cristo e do seu Reino de justiça, amor e paz para todos/as.

Indo além da inculturação litúrgica, o paradigma da decolonialidade certamente oferece uma lente nova e necessária para examinar o culto cristão na América Latina. A pesquisa de Louis Marcelo Illenseer sobre música litúrgica nesse contexto é um exemplo importante desse diálogo em andamento. Ao explorar como as práticas musicais dentro da liturgia podem tanto refletir quanto desafiar as estruturas de poder coloniais e pós-coloniais, Illenseer oferece uma abordagem crucial para uma compreensão mais profunda da expressão litúrgico-musical.⁵⁹

⁵⁷ STAUFFER, S. Anita. Culto: núcleo ecuménico y contexto cultural. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Relación entre culto y cultura*. Ginebra: FLM, 2000, p. 13-16.

⁵⁸ CHUPUNGO, Anscar. Dos métodos de aculturación litúrgica. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Relación entre culto y cultura*. Ginebra: FLM, 2000, p. 53-67.

⁵⁹ ILLENSEER, Louis Marcelo. *Práticas litúrgico-musicais: reflexões teológicas decoloniais a partir da criação musical no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo, RS, 2023. 1 recurso online (212



Contemporaneidade: (des)afinos com os novos gostos?

Difícil dizer o que é contemporaneidade, uma vez que estamos imersos nela e também porque se trata de algo amplo, disperso, diverso, híbrido e fragmentado. Teóricos como Bauman⁶⁰ irão defini-la como líquida, fugaz, transitória. Lipovetsky⁶¹ busca apreendê-la através do excesso, o exagero, a intensificação de tudo, a quantidade, utilizando o termo hiper, hipermodernidade, para descrevê-la. Para ele, trata-se de algo paradoxal, uma vez que, na aparente satisfação do excesso, há uma saturação e uma insatisfação. Consumo, espetacularização e entretenimento são termos decisivos tanto para a liquidez de Bauman quanto para o excesso de Lipovetsky, corroborando, à sua maneira, a indústria cultural de Adorno e Horkheimer⁶² e a sociedade do espetáculo de Debord⁶³.

No âmbito do culto e da música, não é difícil encontrar tais expressões da contemporaneidade. Abundam no Brasil cultos “desafinados” com o Evangelho, mas muito bem harmonizados com a sociedade do espetáculo e o entretenimento momentâneo, catártico e individualizado. Aqui, trabalhos como os de Joêzer Mendonça e Magali do Nascimento Cunha⁶⁴ têm contribuído enormemente para entender criticamente o fenômeno.

Sem dúvida, houve uma mudança no gosto. E, mais ainda, houve alterações profundas nos mecanismos sociais geradores dos gostos por este ou aquele tipo de música cristã tocada ou cantada nas igrejas. Uma cultura gospel se tornou padrão e com a sua hegemonia foi garantindo uma dominação simbólica homogênea, dissolvendo as peculiaridades de cada grupo, estabelecendo uma forma de louvor e de performance litúrgica, igualando católicos e evangélicos, independentemente de suas características sedimentadas e cristalizadas ao longo de séculos e de décadas de história do culto cristão (Leonildo Silveira Campos).⁶⁵

A grande pergunta que se coloca é como podemos lidar com as novas tendências da música e da música sacra e litúrgica em tempos líquidos, de espetáculo, performance e hiperconsumo, como os que nos encontramos. Jaci Maraschin, escrevendo sobre música na pós-modernidade,

p.) Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2023 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1164/1/illenseer_lm_td.pdf. Acesso em: 9 out. 2023.

⁶⁰ BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁶¹ LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

⁶² ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

⁶³ DEBORD, Guy. *La sociedad del espectáculo*. Valencia: Pre-textos, 2000.

⁶⁴ CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

⁶⁵ MENDONÇA, Joêzer. *Música e religião na era do pop*. Curitiba: Appris, 2014, p. 7.



valoriza as tendências da contemporaneidade e vê nelas uma saída para o enclausuramento das tradições.⁶⁶ Marcell Steuernagel analisa, por exemplo, a maneira como as composições do universo gospel se entrelaçam e reagem à realidade política do Brasil, e como artistas desses movimentos, tanto protestantes quanto católicos, endereçam temas comuns à vida política, tais como corrupção e moralidade. Assim, segundo ele, identidade religiosa e expressão artística estão imbricadas na criação de uma memória cultural latino-americana.⁶⁷ Júlio C. Adam, em seus estudos sobre religião vivida, tem buscado analisar a importância de considerar os conteúdos da cultura e da cultura pop, como no caso do cinema, como algo que diz respeito à teologia prática, ao culto cristão e à liturgia.⁶⁸ Há, portanto, empreendimentos da pesquisa litúrgico-musical que buscam refletir de forma mais criteriosa e dialógica com as tendências da cultura na contemporaneidade. Nesta tensão entre música e liturgia na contemporaneidade, o desafio é não apenas preservar a tradição histórico-teológica do culto, e não apenas desconsiderar as novas tendências da cultura de consumo, mas manter a tensão entre tradição e contemporaneidade, encontrando afinações que contribuam para aquilo que é o principal para o culto: a comunicação do Evangelho através do encontro genuíno de Deus com sua Igreja, de forma a transformar o mundo a partir do sonho do Reino.

Conclusões

Na tensão entre as tradições, as tendências e as culturas brasileiras, a liturgia e a música enfrentam a tensão. Parece que um trabalho que leve a sério a compreensão do culto cristão e da tradição da música do culto não consegue escapar dessa tensão. Não é possível abrir mão da tradição bíblica e eclesial, nem das tradições locais, tampouco é possível abrir mão das tendências contemporâneas e pós-modernas. Não é possível se fixar nas tradições e não é possível mergulhar nas tendências de forma acrítica, sob o risco de trair o próprio Evangelho. O desafio está, exatamente, na “afinação da tensão”, permitindo que a tradição dê critérios para a

⁶⁶ MARASCHIN, Jaci. *Da leveza e da beleza: liturgia na Pós-Modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010.

⁶⁷ STEUERNAGEL, Marcell Silva. Profetizando do palco: performances políticas na música gospel brasileira. In: MACHADO, Renato F.; ADAM, Júlio C. (Orgs.). *Linguagens litúrgicas e artísticas na América Latina*. Canoas: Ed. Unilasalle, 2019. p. 37ss.

⁶⁸ ADAM, Júlio C. Arte sequencial e liturgia: uma reflexão teológico-prática sobre a relação entre o cinema e o culto cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 1, p. 69-84 jan./jun. 2016; ADAM, Júlio C. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 114-128.



contemporaneidade e que a contemporaneidade, por sua vez, instigue, questione e atualize a tradição.

Seguem, pois, algumas ideias para ajudar na (des)afinação:

1. Liturgia e música formam uma unidade, um imbricamento litúrgico-musical, em um universo logocêntrico (Maraschin), como é o contexto protestante brasileiro.
2. Enriquecimento do culto com as artes, performances, o corpo, as cores e movimentos, algo tão próximo das culturas brasileiras.
3. Protagonismo da comunidade na liturgia e na música do culto brasileiro, através de uma dinâmica e corajosa inculturação da liturgia.
4. Ao mesmo tempo, uma liturgia-música enraizada na tradição judaico-cristã, na Bíblia, na vasta e diversa trajetória da Igreja Cristã.
5. Auscultar a cultura, a cultura pop, a indústria cultural, a religião vivida, sua estética, seus apelos individuais e emocionais, e a partir desses elementos encontrar espaço para um culto cristão libertador e transformador.
6. Trabalhar com a comunidade em liturgias que expressem os contextos e as demandas sociais e humanas, as memórias silenciadas, os lugares esquecidos, de forma que o culto seja espaço de fermentação do Reino de Jesus Cristo.

Um culto cristão com o rosto do Brasil, um culto onde todos e todas, crianças, jovens, adultos e idosos, em todos os matizes da diversidade cultural, étnica, social e de gênero, caibam e possam se ver espelhados no rosto de Jesus Cristo; um culto que seja, por isso, belo, lúdico, ação de graças e festivo, com as melhores músicas e expressiva dança, festa da esperança de um outro mundo possível, o mundo do Evangelho feito Reino de Deus.

Soli Deo Gloria

Referências

ABRECHT, Christoph. A música do culto. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol.3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.

ADAM, Júlio César. Arte sequencial e liturgia: uma reflexão teológico-prática sobre a relação entre o cinema e o culto cristão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 1, p. 69-84 jan./jun. 2016.



- ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudos sobre a função social do culto cristão*: São Leopoldo: EST/Sinodal, 2012.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGNELO, Geraldo Majella; FRANCISCO, Manoel João. *Canto e música na liturgia: princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*. Revista Eclesiástica Brasileira, n. 262, 2006.
- ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: Teologia e prática*. São Paulo: ASTE, 1969.
- ALVES, Rubem. *Creio na ressurreição do corpo: Meditações*. 3. ed. São Paulo: Paulinas; Santo Amaro: CEDI, 1992.
- BAUMAN, Z. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BIERITZ, Karl-Heinrich. Anthropologische Grundlegung. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; BIERITZ, Karl-Heinrich (Hrsg.). *Handbuch der Liturgik: Liturgiewissenschaft in Theologie und Praxis der Kirche*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt; Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1995.
- CHUPUNGCO, Anscar. Dos métodos de aculturación litúrgica. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Relación entre culto y cultura*. Ginebra: FLM, 2000, p. 53-67.
- CORNEHL, P. [manuscrito não publicado].
- CORNEHL, Peter. Öffentlicher Gottesdienst zum Strukturwandel der Liturgie. In: CORNEHL, Peter; BAHR, Hans-Eckehard (Hrsg.). *Gottesdienst und Öffentlichkeit: zur Theorie und Didaktik neuer Kommunikation*. Hamburg: Furche Verlag, 1970.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- DEBORD, Guy. *La sociedad del espectáculo*. Valencia: Pre-textos, 2000.
- DREHER, M. Missa Alemã e Ordem do Culto 1526: Introdução. In: LUTERO, M. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. p. 173-177. v.7, p. 174.
- EWALD, Werner. Música como Liturgia: uma abertura. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, n. 41/42, p. 2, maio de 2014.
- FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Baptism, Rites of Passage, and Culture*. Geneva: LWB, 1998.
- FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Diálogo entre culto y cultura*. Ginebra: Federación Luterana Mundial, 1994.



- FLM: STAUFFER, Anita (Ed.). *Christlicher Gottesdienst: Einheit in kultureller Vielfalt*. Genf/Hannover: LWB/VELKD, 1996.
- FREDERICO, Denise Cordeiro de Souza. *Cantos para o Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- GUARDINI, Romano. *Vom Geist der Liturgie*. 17. Aufl. Freiburg: Herder, 1951.
- HEIMBROCK, H.-G. *Gottesdienst: Spielraum des Lebens. Sozial – und Kulturwissenschaftliche Analysen zum Ritual in praktisch-theologischem Interesse*. Kampen/ Weinheim: Kok/ Deutscher Studien Verlag,
- ILLENSEER, Louis Marcelo. *Práticas litúrgico-musicais: reflexões teológicas decoloniais a partir da criação musical no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo, RS, 2023. 1 recurso online (212 p.) Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2023 Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1164/1/illenseer_lm_td.pdf. Acesso em: 9 out. 2023.
- KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER HARPPRECHT, Christoph (Ed.). *Teologia Prática: no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.
- KRANEMANN, Benedikt. Feier des Glaubens und soziales Handeln: Überlegungen zu einer vernachlässigten Dimension christlicher Liturgie. *Liturgisches Jahrbuch*, n. 48, 1998.
- LANGE, Ernst. Aus der “Bilanz 65.” In: LANGE, Ernst (Hrsg.). *Kirche für die Welt: Aufsätze zur Theorie kirchlichen Handelns*. München/Gelnhausen: Kaiser/Burckhardthaus, 1981.
- LANGE, Ernst. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. Aufl. München: Kaiser, 1987.
- LANGE, Ernst. *Predigen als Beruf: Aufsätze zu Homiletik, Liturgie und Pfarramt*. 2. Aufl. München: Kaiser, 1987.
- LANGER, Jens. Culto e Cultura. In: SCHMIDT-LAUBER, H.-C. et al. (Orgs.) *Manual de Ciência Litúrgica*. Vol.3. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- MARASCHIN, Jaci. *Da leveza e da beleza: liturgia na Pós-Modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010.
- MENDONÇA, Joêzer. *Música e religião na era do pop*. Curitiba: Appris, 2014.



- MEYER, Hans Bernhard. *Politik im Gottesdienst: Kritische Erwägungen zur Politisierung des Gottesdienstes*. Innsbruck/Wien/München: Tyrolia Verlag, 1971.
- MEYER, Hans Bernhard. Zur Frage der Gesellschaftlichen Bedeutung der Liturgie. *Concilium*, n. 10, 1974.
- RÖSSLER, Dietrich. *Die Vernunft der Religion*. München: Piper Verlag, 1976.
- RÖSSLER, Dietrich. Unterbrechungen des Lebens: Zur Theorie des Festes bei Schleiermacher. In: CORNEHL, Peter; DUTZMANN, Martin; STRAUCH, Andreas(Hrsg.). *In der Schar derer die da feiern: Feste als Gegenstand praktisch-theologischer Reflexion*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1993.
- SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Die Praktische Theologie nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche*. Berlin: O. Reimer, 1850 (1983).
- STALMANN, Joachim. Wie politisch ist der Gottesdienst? Überlegungen zur Öffentlichkeitsrelevanz der Liturgie. *Pastoraltheologie*, n. 80, 1991.
- STAUFFER, S. Anita. Culto: núcleo ecuménico y contexto cultural. In: STAUFFER, S. Anita (Ed.). *Relación entre culto y cultura*. Genebra: FLM, 2000, p. 13-16.
- STEUERNAGEL, Marcell Silva. Profetizando do palco: performances políticas na música gospel brasileira. In: MACHADO, Renato F.; ADAM, Júlio C. (Orgs.). *Linguagens litúrgicas e artísticas na América Latina*. Canoas: Ed. Unilasalle, 2019.
- WHITE, James. *Introdução do Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1997.
- ADAM, Júlio C. Teologia em movimento: perspectivas da teologia prática como hermenêutica da religião vivida a partir do cinema brasileiro. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n.1, jan./jun. 2018, p. 114-128.